

WOLF LITWAK¹

(Parczew, Polônia, 1921)



Wolf Litwak, Rio de Janeiro, 8.7.2015.
Fotografia: Laís Rigatto Cardilo.
Acervo: Litwak/RJ; Arqshoah-Leer/USP.

1 Relato escrito por Wolf Litwak em que conta parte de suas memórias como *partisan* na Polônia durante a Segunda Guerra Mundial. Autorizado em 5.8.2017. Transcrição do texto: Blima Lorber. Iconografia: Blima Lorber, Maria Luiza Tucci Carneiro, Nanci Souza e Samara Konno. Testemunho gravado em vídeo por Sarita Mucinic Saruê e Laís Rigatto Cardilo, equipe Arqshoah, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XW7BNxTAofo>>.

Minhas raízes judaico-polonesas

Meu nome é Wolf Litwak, nasci em Parczew, na Polônia, em 5 de abril de 1921. Sou filho de Hersh (Tzvi), comerciante de couro, e de Tzipora, sobrenome de solteira Dombiak. A família era composta de sete filhos: Ester, Faiga, Léa, Ala, Perla, Alter e Wolf. Vivíamos na cidadezinha de Sosnowica, um distrito que pertencia a Włodawa, junto com outras cerca de 100 famílias judaicas, quando a guerra começou, em 1º de setembro de 1939.



Parczew (Polônia) cidade natal de Wolf Litwak.
Google Maps.

Em 1º de setembro de 1939, a Alemanha declarou guerra à Polônia e Hitler atacou as Forças Armadas polonesas por terra, ar e mar. Varsóvia foi bombardeada com intensidade. A resposta militar dos poloneses foi muito fraca para um inimigo tão forte. Trinta dias de combate e o Exército polonês se rendeu ao inimigo alemão. Hitler, então, invadiu toda a Polônia e os nazistas começaram a administrar o país com mão de ferro e atrocidades, matando intelectuais, cristãos, poloneses e judeus. Em cada cidade que entravam, os nazistas

torturaram os judeus. Em Varsóvia criaram um gueto e um conselho judaico – *Judenrat**.^A Obrigaram os judeus a se mudarem para lá. Quinhentos mil judeus viviam em Varsóvia. Em 1940, Hitler mandou isolar o gueto, de onde ninguém podia sair. Começou a faltar comida e muita gente adoeceu e morreu, principalmente os idosos e as crianças.^B



Mercado do gueto de Varsóvia, 1940-1943.

Fotógrafo não identificado.

Acervo: Yad Vashem. Disponível em: <http://collections1.yadvashem.org/arch_srika/500-1000/500-1000/933_7_13.jpg>.

Acesso em: 8 ago. 2017.

Nas cidades tomadas, os nazistas obrigaram a criação de um *Judenrat* local e também de um gueto. A *Gestapo* ordenou que todos os judeus – homens, mulheres – acima de 12 anos de idade usassem uma estrela de David e obrigou todos eles a se registrarem nesses conselhos judaicos para terem uma carteira de trabalho. A situação dos judeus começou a ficar muito difícil e eles começaram a temer pelo futuro, mas não tinham para onde fugir. Em 22 de junho de 1941, Hitler atacou a Rússia. Os criminosos nazistas passaram a infligir

A- O *Judenrat* ou conselho judaico foi criado em Varsóvia em outubro de 1939, logo após a ocupação pela Alemanha. Como chefe daquela entidade foi escolhido Adam Czerniakow, membro do antigo Conselho da Comunidade Judaica de Varsóvia que, em 1942, cometeu suicídio para não ter que entregar os judeus escondidos. O *Judenrat* era responsável pela organização de quatro escolas de ensino básico para as crianças do gueto, hospitais e orfanatos, sendo um desses orfanatos liderado pelo pediatra, educador e escritor Janusz Korczak, que foi evacuado em 1942 e todos seus ocupantes foram enviados para Treblinka. Um intenso sistema escolar clandestino funcionou sob a organização de movimentos juvenis, frentes de resistência contra a opressão nazista.

B- O gueto de Varsóvia, criado em 16 de outubro de 1940, foi o maior gueto judaico instalado pela Alemanha nazista na Polônia ocupada. A população do gueto foi reduzida de cerca de 380 mil para 70 mil habitantes, sendo a maioria morta nos campos de extermínio ou em decorrência das doenças, como o tifo, e da fome. As rações para os judeus eram oficialmente limitadas a apenas 184 kcal por dia. Em 22 de julho de 1942 teve início a expulsão em massa dos habitantes do gueto para os campos de extermínio e, até 21 de setembro de 1942, cerca de 300 mil pessoas foram levadas para Treblinka ou assassinadas em Varsóvia. Em 1943 ocorreu o levante do gueto de Varsóvia, a primeira insurreição massiva contra a ocupação nazista na Europa.

aos judeus mais sofrimentos. Hitler mandou Himmler preparar campos de concentração para levar os judeus para trabalhos forçados.



Judeus em condições subumanas no gueto de Varsóvia, criado em 1940 pelos nazistas na Polônia ocupada. 1940-1943.

Fotógrafo não identificado.

Acervo: Holocaust Memorial Miami Beach.

Disponível em: <http://holocaustmemorialmiamibeach.org/images/hmmb/warsaw_ghetto1-1280px.jpg>. Acesso em: 8 ago. 2017.

Minha vida como um partisan

O *Judenrat* da minha cidade (Sosnowica) recebeu a ordem da *Gestapo* para mandar 30 jovens fortes para o trabalho dizendo que eles voltariam em 20 dias. Eles enganaram a todos: esses jovens nunca voltaram. Eles foram enviados para construir o crematório no campo de Sobibor, para onde as pessoas da minha cidade foram levadas depois que chegavam a Włodawa.

Em outubro de 1942, foi dado ao *Judenrat* um período de 48 horas para que os judeus da cidade se mudassem para Włodawa. Quem não partisse até as 11 horas da quinta-feira estabelecida seria fuzilado. As pessoas começaram a chorar e rezar por um milagre que não veio. A ordem foi dada numa terça-feira e só se tinha um dia para pensar. De repente, apareceu um colega de escola, um católico polonês de nome Cechek, que me disse o seguinte:

– Wladek [apelido de Wolf em polonês] você e sua família não vão para Włodawa. Eu conheço um grupo de guerrilheiros russos fugitivos dos campos alemães. Sei onde estão na floresta, embora seja muito extensa, mais de 50 km, vocês não vão se perder.

Cechek pediu-me para arregimentar mais amigos e que ele possuía boas armas para nos dar, salientando que tínhamos só um dia para resolver. Combinou de nos encontrar na olaria da cidade, para onde fui com o meu amigo Chil Grynszpan. Na olaria, o rapaz nos esperava com as armas: vários rifles, uma pistola 38, um saco com munição e algumas granadas. Esse amigo polonês também nos deu orientações para que, chegando à floresta, procurássemos um comandante chamado Fiodor. “Uma ótima pessoa!”, segundo ele, que nos instruiu para dizer que “Cechek nos havia mandado”.

Na quarta-feira, fui com meu outro amigo, Simcha Levinson, para conseguir mais cinco homens. Os rapazes não tinham coragem de ir para a floresta e tinham medo do frio, mas eu lhes disse para que tivessem coragem, caso contrário Hitler os mataria, pois eram judeus. Chil Grynszpan e o irmão Abram Grynszpan, Nisan Cyn, David Friedman e Lazar Blumenkrantz reuniram-se comigo. Ao todo, já eram sete homens.

Neste momento eu tinha 16 anos. À noite, contei ao meu pai que iria para a floresta com os amigos. Meu pai disse-me que era preciso dizer isso para minha mãe, que começou a chorar, assim como os demais membros da família. Então, eu disse aos meus pais: “Hitler não vai me matar ou me queimar vivo. Eu vou morrer de frio ou de fome”. Meu pai respondeu: “D’us é grande, vai meu filho!”.

Minha mãe não parava de chorar e me pediu que esperasse um pouco. Sem ter um pedaço de pão em casa, ela pegou duas camisas e um saquinho com um pouco de açúcar e me entregou tudo. Beije-a com lágrimas nos olhos e fui embora enquanto a família toda chorava.

À noite, nosso grupo foi para a floresta e lembro-me que estava frio. Andamos durante a noite toda sob chuva forte. Bebemos a água da chuva, mas não tínhamos o que comer, somente o pouco de açúcar que a minha mãe tinha dado. De madrugada, ouvimos um tiro e corremos para aquele lugar onde encontramos dois guerrilheiros bem armados que se mostraram receosos, pois pensavam que éramos alemães disfarçados com roupas civis.

Demorou para que nos entendêssemos. Explicamos que éramos judeus, porém os guerrilheiros só falavam russo. Chamaram-me de lado e, para provar que eu era judeu, mostrei-lhes que era circuncidado. A partir daí, aceitaram o resto do grupo dando-nos água para beber e acendendo uma fogueira para secarmos nossas roupas molhadas. Os russos deram a entender que iriam buscar o comandante.

Após horas de espera, finalmente apareceram 12 homens fortemente armados que, em separado, iniciaram um interrogatório com cada um dos membros do nosso grupo, enquanto um homem anotava o que dizíamos. Depois nos levaram para a base da guerrilha onde apareceu o comandante, que nos abraçou e se identificou como Fiodor. Então, tirei do bolso o bilhete que o meu amigo havia dado e lhe disse que Cechek, da aldeia de Gurki, é quem havia indicado o seu nome. O comandante perguntou-me se ele era meu amigo. Respondi que era meu amigo de escola. Fiodor ficou contente e mandou fazer comida para o nosso grupo: uma grande porção de ovos fritos, pão e café quente. Depois nos perguntou se estávamos satisfeitos e disse que podíamos ir dormir, mostrando-nos vários galhos de árvores. Porém, nos alertou para deitarmos agarrados ao rifle, como se este fosse uma namorada, e que no dia seguinte falaria conosco, já que tinha nos aprovado porque viemos bem armados e estávamos prontos para sermos *partisans*.

Fiodor fez um discurso que vou reproduzir a seguir:

Camaradas, vocês estão tristes e eu também estou triste com este horror que Hitler espalha não só na Polônia, mas por toda a Europa. Este horror não atinge apenas judeus, milhões de pessoas sofrem com o nazismo. Os alemães são criminosos e assassinos, eles vão pagar por ocupar um pedaço da Rússia, onde mataram as crianças nos berços. Nós, os *partisans*, não estamos na floresta para nos esconder, viemos aqui para nos vingar desses bárbaros. Meus *partisans*, nesta floresta vamos lutar ombro a ombro. Aqui será nossa sepultura ou a sepultura do nosso inimigo em comum, da SS, da *Gestapo*, do nazismo. Lembrem-se, camaradas, uma vez a gente nasce, uma vez a gente morre. A vitória será nossa. Lutem com o coração, com a alma, e o inimigo será destruído, derrubado e derrotado. Só o tempo irá mostrar!

O grupo do comandante Fiodor já contava com 93 combatentes. Ele disse aos nossos sete rapazes (incluindo eu) que éramos os primeiros judeus que chegavam à floresta bem

armados e que nos considerava grandes heróis. Falou que iríamos aprender a viver na floresta, no frio, na neve e a combater os inimigos. “Não somos bandidos!” – enfatizou o comandante –, “Somos *partisans* e vamos ajudar Churchill e Stalin a ganhar a guerra contra os bárbaros alemães, o nosso inimigo vai ser destruído e pagar muito caro pelos crimes que cometeu em toda a Europa”.

Quando Hitler ordenou a Himmler, comandante da SS, para dar início à *Judenrein* – limpeza dos judeus dos guetos para as câmaras de gás – os judeus começaram a fugir para a floresta. Uma cidade próxima à floresta em que os *partisans* estavam era Parczew, cujo gueto tinha mais de mil judeus. Em duas semanas, 150 ou mais judeus desarmados fugiram para essa floresta: eram homens, mulheres, jovens e crianças que foram recebidos pelo comandante Fiodor, que ao ver as crianças começou a chorar. Ele mandou construir um acampamento e providenciou comida para os recém-chegados.

O grupo de combate ficava longe deste acampamento, porém o comandante Fiodor sempre mandava comida para os acampados. No entanto, quando o inverno chegou e a neve começou a cair, a situação mudou: na floresta havia poloneses que vigiavam e denunciavam judeus fugitivos dos alemães. E assim foi... Um dia, os alemães chegaram num grande grupo, cercaram o acampamento e começaram a matar. Poucos jovens sobreviveram. Em dezembro de 1942, os alemães acabaram com esse acampamento e já estavam preparando um ataque contra o grupo de *partisans*. O comandante Fiodor tinha conhecimento desse possível ataque e estava preparado para dar uma resposta. O grupo estava de prontidão. Os alemães começaram a atirar às 11 horas da noite para não deixar os *partisans* dormirem. Pela manhã, o comandante deu a ordem de atirar somente quando os alemães estivessem mais próximos. E assim foi: os *partisans* abriram fogo e os alemães tiveram muitos mortos e feridos e o restante fugiu.

O grupo de Fiodor liquidou os vigias e queimou suas casas. Fiodor disse que não iria ficar esperando, porque ele já sabia que os alemães vinham da cidade de Ostrow Lubelski, onde existia um distrito policial junto com uma unidade alemã. O comandante preparou o grupo de combatentes para atacar a cidade antes do Natal. Os espões do grupo haviam nos alertado que estava sendo organizado pelos alemães com a polícia polonesa um ataque logo após o Natal. Fiodor, que era estrategista militar, ordenou aos *partisans* que ficassem

Vozes do Holocausto

de prontidão dia e noite. Planejou o ataque para o dia 18 de dezembro, às 8 horas da noite, quando os alemães estariam jantando e não haveria patrulhas nas ruas.

Os *partisans* chegaram à cidade e se colocaram em pontos estratégicos, armados com metralhadoras, cortaram os fios telefônicos e cercaram o palacete onde os nazistas estavam instalados. O palacete tinha altas grades de ferro, que não seguraram os homens destemidos que as pularam, munidos de granadas. A batalha teve início com as granadas e os guerrilheiros também atiraram nas janelas. Cerca de 20 minutos depois, os alemães e poloneses que lá estavam saíram na sacada agitando bandeiras brancas. Foi ordenado que jogassem no chão as armas que possuíam e que descessem com as mãos para cima, um atrás do outro.



Wolf Litwak, *partisan* do grupo Grynszpan, Polônia c. 1942

Fotógrafo não identificado.

Acervo: Litwak/RJ; Arqshoah-Leer/USP.

Todas as armas, uniformes e botas foram recolhidas pelo grupo de guerrilheiros, que ateou fogo ao palacete, mas antes retirou de lá alimentos, inclusive 90 litros de vodca. Levaram os alemães como reféns para o centro da cidade e mataram o governador hitlerista que tinha mandado assassinar todos os judeus de lá. Depois, seguiram para a floresta, onde liquidaram os alemães, pois foram eles que fizeram a carnificina no acampamento dos fugitivos. O grupo, porém, não matou crianças nem mulheres, como os alemães fizeram naquele acampamento.

Um ataque planejado

No dia 11 de janeiro de 1943, por volta do meio-dia, com muito frio e neve (algo em torno de 23 graus abaixo de zero), o nosso grupo de *partisans* foi surpreendido com um ataque de alemães que vestiam macacões brancos para se camuflarem e não serem vistos. Antes de atacarem, porém, mataram as patrulhas *partisans* com facadas para evitar que se escutassem tiros.

Os alemães cercaram a base *partisan* por três lados. O nosso grupo contava agora com 160 guerrilheiros contra quatro mil nazistas bem armados. Mas, Tovarich Fiodor, como estrategista que era, sempre estava prevenido, e fez com que o grupo se espalhasse por toda a base. Assim, quando fomos atacados, demos uma resposta de grande coragem aos inimigos. O fogo dos *partisans* era forte: atiramos com armas de todos os calibres, a metralhadora que tínhamos dava 600 tiros por minuto e funcionava muito bem. Em 20 minutos havia 21 alemães mortos e muitos feridos. Foi uma luta dura dos dois lados. Os *partisans* perderam três de seus homens e tiveram 16 feridos, alguns graves.

Os guerrilheiros não deixaram que os alemães fossem buscar reforços. Colocaram emboscadas em pontos estratégicos, usaram mais de 60 granadas e muita munição. Foi uma luta de vida ou morte! Os alemães recuaram, mas não nos deixaram em paz. Naquele inverno, caso a luta fosse demorada, iríamos ficar sem munição. A sorte foi que os alemães recuaram e não voltaram ao local.

Tenho certeza de que, se o nosso comandante fosse outro, o grupo não iria aguentar. Os russos sabem lutar. Nós, judeus, aprendemos muito: a lutar, viver na floresta com frio,

no gelo e neve, não ter medo de morrer. Nossa força não veio de cima, mas de baixo. Graças aos russos muitos dos judeus sobreviveram.

Depois desse ataque, o comandante Fiodor subdividiu os *partisans* em grupos menores de cinco homens. Assim era mais fácil sobreviver por três meses, porque não éramos tão fortes para lutar contra tantos inimigos e, com aquele inverno rigoroso, não podíamos perder mais homens. Em abril, os grupos voltaram a se juntar.

Grynszpan comanda os partisans judeus

Na primavera, os homens se juntaram novamente, agora com 60 *partisans* judeus. Foi, então, criada a unidade judaica e Chil Grynszpan foi escolhido para ser o comandante. Ele logo colocou disciplina militar nessa unidade, inclusive com pena de morte para quem fosse à aldeia buscar notícias e violentasse alguma mulher; quem deixasse o posto de patrulhamento ficaria sem arma e seria expulso do grupo.^A A decisão era de que precisávamos arranjar armamento mais sofisticado, trocar de floresta e trazer mais homens para o grupo. Deveríamos ser um grupo com, no mínimo, 120 homens bem armados. Aprendemos com os russos a viver nas florestas, lutar, ganhar a luta e, principalmente, a não ter medo de morrer. Ficaríamos conhecidos em todos os territórios como “o grupo de Chil, o mais forte, que sabia vingar!”. Mesmo sem os russos, não nos faltaria armamento e os poloneses passaram a ter medo de nos denunciar aos alemães por correrem risco de vida. Foi por

A- Yehiel Chil Grynszpan, cujo codinome era “Stanislaw Dombrowski”, nasceu em Sosnowica, na Polônia, em 6 de julho de 1916, filho de Sura Bejla e Moszko Grynszpan. Serviu o Exército por 3 anos, na cavalaria, o que lhe deu conhecimento para liderar, posteriormente, o grupo de *partisans* judeus. Os membros do grupo Grynszpan foram recrutados de grupos de judeus na parte nordeste do distrito de Lublin, que escaparam de ações de deportação para Sobibor no verão e outono de 1942. Yehiel Chil Grynszpan, aos 24 anos, organizou uma das guerrilhas mais eficientes da Europa Oriental. Emigrou para o Brasil. Ver “Sapateiros Treinados”, disponível em: <<http://itonsheli.blogspot.com.br/2012/06/voce-sabia-herois-da-ii-guerra.html>>. Acesso em: 4 ago. 2017.

isso que sobrevivemos à guerra. Mostramos aos poloneses que os judeus sabiam lutar e matar nazistas. Por ser o mais jovem do grupo eu era chamado de *Patzan*. Assim, o grupo de Chil ficou conhecido e muitos *partisans* saíram de outros grupos para se juntarem a ele.

Adampol^A

E, assim, os *partisans* de Chil Grysznpan foram para uma nova floresta na região, Ocloja, que parecia uma grande ilha cercada de água. O lugar ainda era estranho ao nosso grupo e levamos alguns dias para conhecer o território. Dois dias depois, Chil me chamou para sair e conhecer a área. Fomos bem armados, cada um com uma metralhadora pequena, granadas e pistolas. Estava começando a escurecer e os camponeses acendiam seus lampiões. Chil e eu chegamos perto de uma casa e batemos na porta. Ao abrir, as pessoas ficaram assustadas ao ver dois homens armados. O homem falou para a esposa nos convidar a entrar, e logo fomos explicando que não éramos alemães disfarçados com roupas civis, que lutávamos pela liberdade da Polônia, pois éramos cidadãos poloneses, mas judeus. A mulher respondeu de uma forma interessante: convidou-nos para jantar dizendo que havia sopa de carne e bastante comida. O marido perguntou se éramos apenas nós dois. Respondemos que não distante dali havia 320 homens bem armados, todos combatendo pela Polônia livre.

O homem contou que era um ex-oficial do Exército polonês. A conversa foi longe e o casal comentou que não muito longe havia um campo com muitos judeus trabalhando por lá. Este campo já era conhecido da nossa unidade *partisan*

A- Adampol, aldeia próxima a Włodawa, onde havia um campo de trabalho escravo construído pelos nazistas alemães. Era um subcampo do campo de extermínio de Sobibor, localizado nas proximidades.

quando travou uma luta com alemães e dois deles foram feitos reféns. Depois nos contaram que aquele campo se chamava Adampol. O casal disse que o comandante tinha o nome de Zelinger. O campo ficava a 18 quilômetros e muitos judeus de Włodawa estavam lá. Comentei com a mulher (que se chamava Genia) e o marido Stanislaw, que voltaríamos para conversar com eles, mas que ninguém poderia ficar sabendo.

Três dias depois, Chil e eu retornamos e trouxemos várias coisas para as filhas do casal, que ficaram muito contentes. Perguntei à mulher como poderíamos chegar a Adampol. Genia respondeu-me que ela poderia entrar lá no domingo, porque ali estavam presos muitos poloneses cristãos.

Eu acreditava que toda a minha família havia sido levada para esse campo onde também havia uma moça da minha cidade, chamada Dora, que lá estava trabalhando. Foi então que pedi a Genia que entregasse a ela uma carta, onde contava tudo o que havia acontecido e que na terça-feira, entre 8 e 9 horas da noite, eu iria junto com Nisan e Cyn buscá-la. Pedi a ela que verificasse se alguém da minha família estava naquele campo, orientando também que nos aguardassem num local escuro. Disse-lhe também que, caso existissem outras pessoas da minha cidade que quisessem fugir, nós as tiraríamos de lá antes que os alemães as levassem para Sobibor.^A Na terça-feira, Stanislaw mostrou-nos o caminho e ficou aguardando, enquanto Nisan e eu arriscávamos nossas vidas para entrar no campo. Retornamos com 12 mulheres depois de uma hora e fomos com elas para a floresta.

A corrida para Adampol começou e foram retiradas mais de 100 pessoas. Cyn e eu fomos ao campo cinco vezes para tirar

A- Sobibor foi um campo de extermínio localizado na Polônia ocupada pela Alemanha nazista. Milhares de judeus, prisioneiros de guerra soviéticos e possivelmente ciganos foram transportados para Sobibor de comboio e assassinados nas câmaras de gás alimentadas por de um motor a diesel. Cerca de 260 mil pessoas foram assassinadas em Sobibor pelos alemães. Sobibor foi também palco da única revolta bem-sucedida de prisioneiros de um campo alemão: em 14 de outubro de 1943, membros da revolta conseguiram matar 11 guardas da SS e alguns guardas ucranianos, mas foram descobertos. Dos cerca de 600 prisioneiros do campo, usados como escravos, aproximadamente 300 conseguiram fugir. A maior parte deles foi cercada e assassinada nos dias subsequentes, mas cerca de 50 prisioneiros conseguiram sobreviver à Segunda Guerra Mundial. Esta fuga forçou os alemães a desmantelarem o campo onde plantaram uma floresta para tentar esconder o que tinha ocorrido ali.

as pessoas de lá, até que ficamos exaustos com os riscos que corríamos. Houve, então, uma reunião no grupo para decidir que fossem tirados todos os judeus do campo de uma vez.

Outros cinco homens foram mandados para Adampol, sob o comando de Jurek Cholmski, que sobreviveu e depois da guerra foi para a América e trocou o seu nome para John Holm. No entanto, eles foram denunciados ao diretor do campo e Zelinger logo avisou a *Gestapo* de Włodawa, que chegou com uma tropa de 300 homens e cercou o lugar, colocando todos os judeus em local aberto e cercaram e pegaram os cinco *partisans* para matá-los. Jurek tinha escondido uma pistola e atirou no guarda que estava ao seu lado e começou a matança. Jurek e um *partisan* sobreviveram, mas não sei se mais alguém sobreviveu, porque se espalharam.

O grupo Grynszpan

O grupo de Chil Grynszpan recebeu uma ordem do alto comando da *Armia Ludowa*^A – do coronel Mieczyslaw Moczar – para explodir um trem da linha Bresk-Litowski-Berlim. O capitão Chil preparou 18 combatentes com uma mina que pesava 36 quilos e que foi trazida do outro lado da fronteira russo-polonesa. O grupo saiu em três carroças e chegou perto da linha férrea à noite. Quando os *partisans* pularam das carroças perceberam que por ali andava uma pessoa em roupa civil. O homem já estava com as mãos para cima e na mão direita carregava uma granada, porém não teve tempo de explodi-la.

Quando saíamos para uma tarefa perigosa, levávamos sempre vários uniformes alemães. O homem que encontramos

A- *Armia Ludowa* (Exército Popular), também *Gwardia Ludowa* (Guarda Popular), foi um movimento armado de resistência polonesa ativo na Polônia ocupada pela Alemanha entre 1942 e 1945. Estava afiliado ao Partido dos Trabalhadores da Polônia, de tendência comunista.

com a granada teve seus documentos verificados e foi descoberto que ele pertencia a uma unidade da SS que trabalhava no campo de Sobibor, onde ficavam as câmaras de gás e os crematórios, onde queimavam os judeus não só da Polônia como também da França e Holanda. Nesse campo foi morta a minha família. O homem preso denunciou seus amigos, dizendo que próximo ao campo morava um camponês e que na casa dele estavam quatro amigos seus, namorando as moças que trabalhavam naquela casa costurando roupas. Foi-lhe, então, perguntado se tinha um cachorro por lá e o homem falou baixinho que só tinha o camponês. Na mesma hora, Chil e Lonka Dudkin, um russo louro que falava bem o alemão, foram escolhidos para entrar na casa. Os alemães estavam armados com pistolas de grande calibre.

Desceram 15 homens, sendo que três e o prisioneiro da SS permaneceram numa carroça. Onze dos homens observaram as janelas e verificaram ao redor para garantir que ninguém conseguiria fugir. Em dois minutos, os alemães ficaram sem suas pistolas. O trabalho foi tão rápido, que só no cinema se pode ver algo assim. Trouxemos a primeira carroça e trancamos o camponês, sua mulher e as moças no quarto. Mandamos que os cinco da SS tirassem a roupa e eles foram mortos, e ordenamos às moças que escrevessem seus nomes e endereços em um papel, e que ficassem de boca fechada.

Pegamos as cinco pistolas Mauser que eram dos SS e fomos embora. Não esperamos o trem passar. Voltamos à base contando o que fizemos e comemoramos tomando vodca. Essa missão foi do grupo de Chil, só de judeus, sem ajuda de ninguém. Depois de cinco semanas, fomos pelo mesmo caminho e conseguimos explodir um trem com 40 vagões. Assim foi a nossa luta. Cada noite saíamos numa missão contra nossos inimigos, até 18 de julho de 1944, quando entramos na cidade de Lublin junto com o Exército Vermelho.

Em junho do mesmo ano, chegou um grupo de combatentes das florestas da Rússia e o seu comandante, que tinha a patente de general, chamava-se Baranovski. O seu grupo era composto de 130 homens, todos jovens, bem treinados e bem armados. As armas eram de última geração e entre os membros do grupo havia muitos oficiais do Exército Vermelho. Logo ocuparam a maior aldeia do nosso território, cujo nome era Wola Wereszczyńska, próxima a Włodawa. O nosso comandante Chil Grynspan e o comissário político Hersh

Wolf Litwak

Rubinstain logo fizeram amizade com o general Baranovski, porque 30% dos homens daquele grupo eram nossos patrícios. Alguns falavam iídiche.

O general Baranovski ofereceu para juntar os grupos, pois com mais pessoas a chance de combater o inimigo comum era maior. O comandante Chil aceitou a oferta porque o nosso grupo estava sendo perseguido pela *Gestapo*, da SS, poloneses antisemitas e fascistas. Vários grupos *partisans* não aceitavam judeus como membros. Mas nós, judeus, nos tornamos bons combatentes, pois aprendemos a lutar com o comandante Fiodor, que também nos ensinou a viver na floresta e a combater todos os inimigos.



Partisans do grupo Grynszpan (a partir da esquerda, em pé: Harold Werner, Symcha Barbanel, Dora Grynszpan, Abram Grynszpan e Wladek Litwak; ajoelhados: Chanina Henry Barbane, Abram, Shienka de Włodawa, s. l.; s. d. Acervo: Yad Vashem.

Disponível em: <<http://chelm.freeyellow.com/partisans.html#8>>.

Acesso em: 8 ago. 2017.

Apesar de ser o mais novo do grupo, eu disse a Chil que não se juntasse ao grupo de Baranovski, porque não os conhecia bem. Eu não acreditei na conversa “bonita” do general, achando que isso não era o suficiente para juntarmos nossos grupos. Rubinstain concordou e me disse que eu era um *partisan* inteligente. Chil, por sua vez, falou que eu ainda era um

garoto e optou por fazer uma votação para decidir se os grupos se juntariam. Grynspan venceu a votação. Então, eu lhe disse:

– Está bem, Chil, você ganhou, será um grande herói, mas depois será tarde demais para sair. Qual é a vantagem, saímos do nosso comandante Fiodor, que era um pai para nós? Responda-me, graças a este garoto, vocês estão aqui nesta floresta, nosso sonho era criar um grupo judaico, que agora será desfeito.

Os combatentes concordaram comigo, mas já era tarde, a decisão estava tomada. Foi quando descobri que Chil e Rubinstain tinham se reunido com o general, salientando que o último tinha feito um bom negócio. Eu não estava feliz com a decisão. Numa certa manhã, não encontrei Chil nem Rubinstain no acampamento. Soube que os dois pegaram alguns documentos e muitos pacotes que o general lhes havia dado e partiram sem se despedir. Então, o general logo dividiu o grupo. Eu fiquei com 11 russos, sendo o único judeu. O mesmo aconteceu com os outros homens.

Chil e Rubinstain tinham partido para Moscou, chegando à fronteira da Polônia e a Rússia, mas precisavam atravessar o Rio Bug. Do outro lado, esperava por eles o grupo russo de Voroshilov,^A que iria com ambos ao local onde havia um avião que os levaria a Moscou. Havia um guia com os judeus, mas, ao atravessarem o rio, Rubinstain e o guia se afogaram e somente Chil conseguiu se salvar e retornou ao acampamento.

Durante as três semanas que Chil esteve ausente, os alemães cercaram a aldeia, mas o general Baranovski – que já tinha conhecimento disso quatro dias antes – fez com que

A- Kliment Voroshilov (1881-1962), nasceu na aldeia de Verkhneye, na Ucrânia, ainda sob o Império russo. Conhecido popularmente como Klim Voroshilov, foi comandante militar e político soviético, e um dos líderes do Partido Comunista da URSS. Participou da Revolução Russa de 1917 e da Guerra Civil Russa como oficial no *front* sul. Foi correligionário e amigo de Joseph Stalin e, entre 1953 e 1960, desempenhou funções de chefe de Estado da URSS.

os camponeses saíssem da aldeia, levando tudo o que podiam, primeiro os velhos, doentes, e depois todos os familiares e até o rebanho. Deveriam deixar apenas as paredes vazias. Ele deu todo apoio para que isso acontecesse e a população se afastasse da aldeia.

Era um sábado no mês de agosto e o meu grupo foi observar como os alemães se movimentavam. Cerca de dois quilômetros da aldeia havia um cemitério e uma igreja ortodoxa. O comandante mandou seis homens, entre os quais eu, para entrar no cemitério. Chegamos ali por volta do meio-dia e ficamos observando os alemães, que eram da cavalaria e, em cada cavalo, havia uma metralhadora. Às 14 horas, os alemães começaram a atacar, chegando até o cemitério, a pouco mais de 30 metros de onde o nosso grupo com seis *partisans* se encontrava. Matamos no mínimo 28 alemães com seus cavalos e eles não responderam ao fogo. Conseguimos nos salvar e fomos para um local onde o general esperava os alemães com uma defesa bem armada. Nessa hora, caiu uma chuva torrencial e o trigo plantado ali estava alto fazendo com que os alemães se perdessem. Baranovski estava no comando e conseguiu uma grande vitória. A luta acabou às 10 horas da noite com o recuo dos alemães, que perderam muita gente.

Pedimos ao general para voltarmos à floresta, mas a ordem dele foi para que – embora soubesse que desejávamos voltar ao acampamento, pois estávamos molhados e sem comer – retornássemos ao mesmo posto onde estivemos no sábado. Voltei, assim como os demais, molhados e com fome, ao cemitério. Com o sol das 8 horas da manhã, dois aviões começaram a jogar bombas incendiárias na aldeia e tudo pegou fogo. Então, eu disse aos meus companheiros para irem para o outro lado, mas os alemães já estavam lá. Não conseguimos chegar até onde o grupo principal já estava lutando com uns 600 alemães, enquanto, pelo ar, os aviões despejavam as bombas e artilharia alemã metralhava por terra.

Estávamos próximos à linha de fogo e, finalmente, alcançamos o general, que falava com Moscou a respeito da pesada batalha que estava sendo travada. Nosso grupo juntou-se, então, aos 35 homens que lá estavam, quando, de repente, apareceu um russo que disse que não conhecia o território. Afirmi que eu conhecia bem aquela área e assim levei todos os 41 homens até a floresta de Pikena.

No início de 1944, os *partisans* receberam, de surpresa, os comandantes do Exército polonês da *Armia Ludowa*, que lutava pela Polônia Livre, expulsando os alemães. No



Wolf Litwak como *partisan*, s. d.
Fotógrafo não identificado.
Disponível em: <<http://chelm.freeyellow.com/partisans.html#8>>.
Acesso em: 8 ago. 2017.

comando deste exército estava o general Michał Rola-Żymierski, os comandantes do antigo Exército polonês, como Borkowski, e vários oficiais de altas patentes. Todos foram à floresta Makoszka para conhecer o grupo judaico de *partisans* liderado por Yehiel Chil Grynszpan e que contava com 120 combatentes bem treinados, bem armados, com muita disciplina e que fez um desfile para os visitantes. Tudo foi filmado, mostrando aos oficiais poloneses que os judeus também sabiam lutar, que estavam ligados com um grupo de *partisans* russos, sob o comando de um coronel do Exército Vermelho, Fiodor. Esses russos eram fugitivos de campos nazistas que tinham sido presos em 22 de junho de 1941. Poucos dias depois, o general Rola-Żymierski mandou um colega visitar a floresta de Makoszka e para lá foi o capitão Zemsta (Alexander Skotnicki), que permaneceu

nesta floresta. Zemsta era um estrategista militar e, com ele, aprendi como lutar na floresta contra um forte inimigo. Zemsta dizia que:

Havia na Polônia 3,5 milhões de judeus que poderiam fazer resistência, sendo que pelo menos 500 mil jovens poderiam resistir ao inimigo, pois havia muitos partidos – de direita, esquerda, que não ficassem esperando um milagre dos céus.

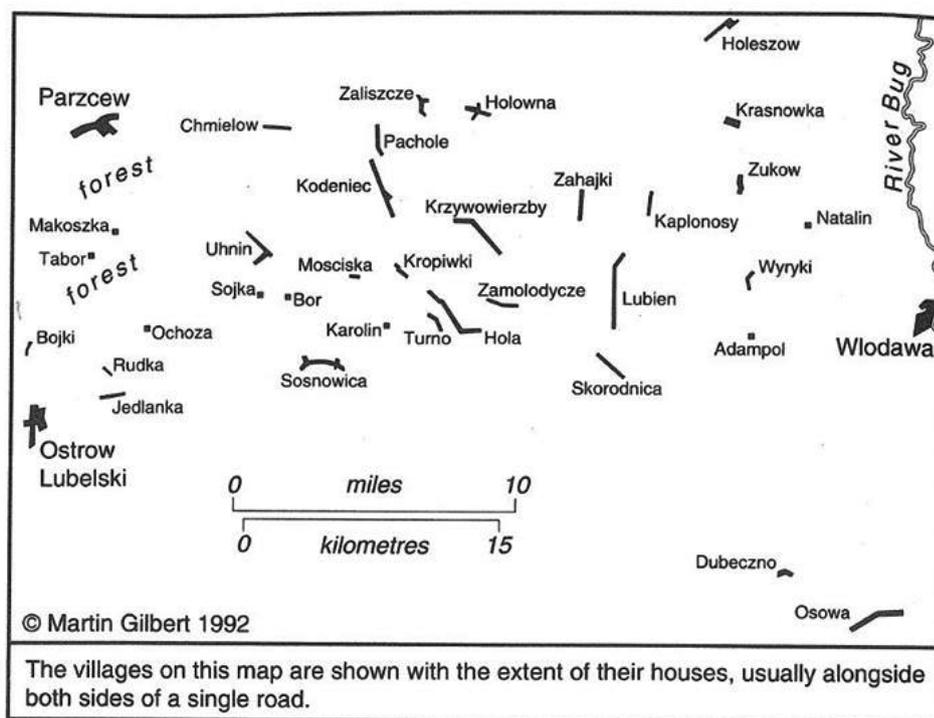
[...] Vocês são heróis, organizaram-se, arranjaram boas armas e foram para a floresta. Não esperaram um milagre. Isso graças a este baixinho, o *Patzan*, um garoto de 16 anos.

Eu era esse garoto de 16 anos. Da minha parte, eu considerava o capitão Zemsta mais do que um herói! Uma vez, o capitão chamou-me para uma conversa na barraca onde me disse o seguinte: “Você é um rapaz muito inteligente, há dois anos conseguiu se armar e reuniu mais seis rapazes, chegou à floresta, permaneceu no grupo do coronel Fiodor. Para mim você é um grande homem. Diga-me, você conhece bem esta floresta?” Respondi-lhe assim:

– Há dois anos estou dormindo na floresta de botas, andando dia e noite pela floresta, participando de todos os cercos aos alemães, saindo vivo de cada batalha. Até agora, este é um futuro melhor do que ir para as câmaras de gás. Agora, eu faço isso o que comandante Fiodor dizia: uma vez se nasce, uma vez se morre; que era preciso arrancar o medo e não esperar um milagre de cima, que o milagre chegaria de onde se luta pela vida.

Comentei que a floresta fora cercada muitas vezes, bombardeada por aviões nazistas e que lá estávamos, mas não fugimos. Conteí que a floresta uma vez ficou cercada pelos nazistas durante oito dias e noites, mas eles não conseguiram nos derrubar. Nossa força total tinha 250 combatentes, mas os alemães, mesmo com toda a força que tinham, não entraram profundamente nela.

Em volta da floresta Makoszka havia várias aldeias de camponeses humildes. A maior parte da população era católica e havia alguns ortodoxos. Era gente boa. Quando os nazistas não conseguiam matar *partisans*, então matavam alguns camponeses nas aldeias e mandavam informes para os comandos deles dizendo que haviam matado *partisans*. As aldeias que cercavam a floresta eram: Bialka, Ozechov, Drożdżówka, Jedlanka, Tyszmelnika e várias outras.



Área de operação dos *partisans* judeus que atuavam entre Parzczew e Włodawa, na Polônia.
Fonte: GILBERT, Martin. Holocaust Maps & Photographs, ADL, 1992.

O mundo estava de braços cruzados

O mundo estava de braços cruzados e os europeus ajudavam Hitler na guerra contra a Rússia. Mandavam divisões de exércitos para ajudar Hitler. Somente a Polônia não ajudou Hitler. Havia divisões da Espanha, Dinamarca, Holanda, Hungria, Romênia, Noruega. Todos perderam vidas nos campos de batalha na Rússia. O único grande líder daquela época foi Winston Churchill, que não se entregou a Hitler, lutou até o fim. Os ingleses foram na Segunda Guerra Mundial os maiores heróis nos campos de batalha, com Montgomery no comando das forças britânicas e no “Dia D”, encarregado de comandar a infantaria das Forças Aliadas na Normandia.

Passaram-se alguns dias e Zemsta já tinha conseguido notícias do *front* da Rússia. Lembro-me que a notícia foi muito boa para o grupo. O comunicado do general Rola-Żymierski informava que os alemães estavam recuando da Rússia para a Polônia e outros países europeus e que o grupo precisava ficar de prontidão porque as batalhas poderiam recomeçar e os nazistas não nos deixariam em paz. Eu disse a Zemsta que em 1812, quando Napoleão Bonaparte recuou da Rússia, ele não teve nem tempo de fazer suas necessidades de tão rápido que fugiu. Disse-lhe que eu não era um estrategista militar, mas sabia que os alemães demorariam para entrar na floresta pois iriam correr para defender Berlim. O *Führer* deles foi quem preparou para o povo alemão a maior tragédia da história deles e, para todos os povos da Europa, a pior tragédia do povo judeu, aniquilando inocentes.

Um novo plano

O capitão tinha um novo plano antes da chegada dos alemães ao território polonês, verificando toda a área onde os vigias da floresta moravam. Disse-lhe para irmos direto à floresta. Saímos em 11 homens, mais o capitão e uma mulher, Tzipora, levando boas armas até as proximidades da casa dos vigias poloneses. Organizamos patrulhas, mas houve uma denúncia aos alemães, informando que na floresta estavam muitos oficiais *partisans*.

Quando os alemães ocuparam a casa dos vigias, as patrulhas *partisans* eram trocadas a cada hora, porque na floresta tinha uma estrada de areia, uma passagem pela floresta com

árvores gigantescas, que precisava ser observada. A casa dos vigias poloneses ficava em frente a esta estrada e era cercada por um muro, com um jardim de flores e um quintal enorme no fundo. Na entrada para o quintal tinha um largo corredor. Na troca da patrulha, às 11 horas da manhã, coloquei meu uniforme de alemão, levei comigo um rifle russo, semiautomático, de 10 tiros, uma pistola calibre 38 e duas granadas.

Todos os vigias ainda estavam dentro do casarão ocupado, mas o capitão Zemsta não se assustou e nos preparou para o combate. Consegui chegar ao quintal e atirei na janela, mas não tinha por onde sair do quintal. Corri até o lado da casa, onde vi três alemães no corredor por onde eu havia entrado. Quando esses alemães estavam se aproximando do local onde eu estava, comecei a atirar e atingi um deles, que foi levado pelos outros dois que recuaram. Continuei atirando, na tentativa de alcançar do outro lado a floresta. Consegui passar, correndo e atirando. Como tinha muita neve, caí e fiquei com um punhado de neve na boca. Foi quando vi uma árvore que não tinha neve e corri para lá. Deitei-me sob a árvore, peguei uma granada e mantive a pistola na mão. “Se eles se aproximarem”, pensei, “vou explodir a granada... Eu me mato para não cair vivo nas mãos deles”.

Passaram-se uns 20 minutos e a metralhadora do capitão começou a “cantar”. Os alemães responderam e a luta se intensificou, deixando vários corpos de alemães no quintal e os demais recuaram. O capitão estava a salvo junto com os seus homens, que continuaram atirando. Eu saí correndo sozinho e adentrei a floresta, querendo alcançar o fim dela, mas já era noite. Ao atravessar a estrada ao lado da floresta, surgiu um camponês e aí gritei: “Mãos ao alto! Onde tem um grupo?” O homem, apesar do medo, disse-me para ir à aldeia. Ao chegar lá, vi que os lampiões já estavam acesos e olhei em cada janela. Em uma das casas encontrei uns russos, que me receberam e logo me serviram um copo de vodca. No entanto, eu disse a eles que precisava fazer necessidades e que voltaria logo. Porém, fui para trás da casa e com a pistola na mão saí dali até o fim dessa aldeia.

Nas proximidades havia outra aldeia com uma patrulha russa, que parecia ser um novo grupo de combatentes, mas que eu não conhecia. Levaram-me até o comandante que me interrogou. Contei-lhe o que se passou, mas ele achou que eu mentia. Dois homens tiraram-me as armas, levaram-me para um canto onde fiquei sem água para beber e nada para comer. Deitei-me exausto no chão e adormeci, quando, às 2 horas da manhã, acordaram-me e

levaram-me para a cozinha, onde recebi comida. Nesta hora, apareceu o coronel Janowski, que assim falou: “Todos os seus amigos estão vivos! Baixinho, você é muito bom, agora você será o comandante de cinco grandes homens”.

No pós-guerra, em liberdade

Casei-me com Basia Rosembaum, também sobrevivente, que aos 13 anos pulou de um trem para se salvar, mas perdeu toda família em Treblinka. Vivemos por um tempo em Bayreuth, na Alemanha e, no final de 1948, início de 1949, fomos para Israel. Minha maior felicidade foi ter visto o nascimento do Estado de Israel, também com muita luta, com muito sangue derramado. Mas, conseguimos ter nossa própria Pátria, para nós e para as gerações futuras. Eu me senti muito bem servindo como voluntário do Exército da minha terra. Meu número na *Haganá* (Defesa) de Israel era 169.016.



Casamento de Leon Lerner (sobrevivente da revolta de Sobibor) com Mania. Como integrantes do grupo de Grynspan temos (da esquerda para direita) sentados: Chil Grynspan e Leon Lerner; em pé: Joseph Rolnik, Wolf Litwak e sua esposa Basia Litwak (ao centro). Bayreuth (Alemanha), c. 1946.
Acervo: Litwak/RJ; Arqshoah-Leer/USP.

Nessa época já tínhamos uma filha e decidimos morar no Brasil, aonde chegamos em 19 de dezembro de 1955 e nos fixamos no Rio de Janeiro. Lembro-me que muita gente não acreditava nos sofrimentos dos judeus europeus. Mas, hoje, a história mostra que muitos

fascistas e antissemitas na Europa ajudaram Hitler na guerra, mandando divisões de soldados da Espanha, Holanda, Hungria, Romênia, Ucrânia. Todos os países bálticos queriam que Hitler ganhasse a guerra. Mas, em 1943, Hitler começa a perder a guerra graças a Churchill e Stalin. E o segundo *front* eram os *partisans* da Rússia, Polônia, Iugoslávia, França e, com eles, 20 mil judeus guerrilheiros, homens e mulheres de coragem que não tiveram medo de morrer pela liberdade.

Difícil esquecer

É muito difícil esquecer o que passei, minha vida não foi plantada com flores. Passei 32 meses na floresta com invernos rigorosos de 23 graus abaixo de zero, 25 meses dormindo de botas, sempre de prontidão porque os alemães atacavam dia e noite, bombardeavam e metralhavam a floresta, onde muitos amigos meus morreram. Mesmo assim, eles perderam muita gente nos combates. Foi assim que vivi até que o Exército Vermelho (da Rússia) libertou a Polônia. Ao sair da floresta, não encontrei ninguém da minha família. Tinha perdido tudo e estava só no mundo.

A guerra acabou para nós, mas não para todos, pois ainda demorou em torno de 10 meses para que nós e outros sobreviventes saíssemos da floresta. Não estávamos contentes, pelo contrário, muito tristes porque não encontramos ninguém dos nossos familiares vivos. Todos foram aniquilados. Minha família foi queimada viva, minha mãe, com 39 anos, e seis filhos (minhas cinco irmãs e um irmão), e minha avó, que tinha 63 anos. Meu pai foi fuzilado em Włodawa em 1942. O único sobrevivente de uma extensa família de 83 pessoas sou eu. A única alegria que eu tive foi ver com meus olhos o fim do nazismo, o fim dos bárbaros alemães.

Tudo isso que escrevi aqui não é fantasia. Tudo o que escrevi não foi com tinta, mas com sangue. Fiquei sozinho neste mundo. É tudo verídico. Este depoimento é a minha memória da Segunda Guerra Mundial. Tudo sagrado, pois já passei dos 90 anos e depois de tanto sofrimento, minha cabeça funciona muito bem.



Wolf Litwak, Rio de Janeiro, 2016.
Fotógrafo não identificado.
Acervo: Litwak/RJ; Arqshoah-Leer/USP.